

Algumas observações sobre Bergson e Winnicott

Yago Antonio de Oliveira Morais

Doutorando em Filosofia [UFSCar]

Bolsista FAPESP

yagomorais@estudante.ufscar.br

Resumo: Há uma concepção de tempo na psicanálise de Donald Winnicott que é fundamental para entender o processo de amadurecimento de uma personalidade. Trata-se de uma temporalidade baseada na continuidade, um desenvolvimento progressivo que abarca a noção de sucessão de fases. Para Winnicott, o desenvolvimento emocional de um indivíduo não é constituído por meio de rupturas, mas pode ser caracterizado por *estágios sucessivos*. Inicialmente, o bebê é considerado dependente do “colo da mãe” e do ambiente no qual ele faz parte (estágio de *dependência absoluta*), passando, posteriormente, a adquirir condições para caminhar em direção à independência. A passagem desses estágios — que pode se dar de um modo saudável ou não — é explicada por meio de uma relação de *continuidade*, situação em que o ambiente desempenha um papel fundamental. Quando há um desajuste entre a mãe e o bebê, um ambiente nocivo, compreende-se que a interrupção no desenvolvimento da personalidade deste se torna irreversível. A teoria de Winnicott propõe que a personalidade está em vias de se fazer, portanto, nunca sendo inteiramente alcançada e realizada no ser humano. No entanto, sua psicanálise pretende ser capaz de tratar o sofrimento humano, em seus diversos níveis, dando conta de patologias graves. O modo de tratamento oferecido por essa vertente psicanalítica passa por uma compreensão de tempo que guarda semelhanças com a filosofia de Bergson, cujo objetivo tratou de repensar a noção de tempo a partir de um diálogo com as ciências. A noção de *duração* bergsoniana, atrelada à uma concepção de personalidade, parece se aproximar da teoria winnicottiana, uma vez que ambas enfatizam a ideia processual de tempo. Nosso objetivo com esse trabalho é tecer breves comentários sobre esses dois pensadores.

Palavras-chave: Psicanálise; Filosofia; Duração; Existência; Personalidade.

Talvez seja arriscado pensar na relação entre dois autores que possuem, notadamente, uma grande envergadura, mas que são de áreas diferentes, por vezes até mesmo opostas¹. Bergson foi um filósofo francês, conhecido principalmente por propor uma renovação da metafísica na aurora do século XX, período que era impregnado de cientificidade. Winnicott, por sua vez, foi um pediatra e psicanalista inglês, cuja teoria buscou repensar algumas teses propostas por Freud. Poderíamos demarcar os limites e os avanços de cada teoria, bem como investigar as divergências e convergências entre os dois pensadores, o que exige um trabalho de fôlego. Contudo, para os fins desta nossa apresentação, iremos fazer algumas observações a respeito de teses da psicanálise winnicottiana, sobretudo em relação a sua teoria do amadurecimento pessoal, defendendo que elas podem ser lidas à luz da filosofia bergsoniana. Para nossos objetivos, buscaremos pensar ambas as teorias a partir de uma chave comum: o *tempo*.

1 A psicanálise possui um horizonte teórico bastante frutífero, no qual é possível notar e problematizar noções correspondentes ao debate filosófico. Seguramente, é possível fazer uma espécie de “debate filosófico” com essa disciplina científica. No entanto, poderíamos dizer que ela se opõe em um sentido duplo à filosofia: primeiro porque ela possui um estatuto científico e, segundo, porque ela possui uma clínica, cuja característica foge ao fazer filosófico.

Bergson obteve um notável reconhecimento, sobretudo nos ambientes acadêmicos franceses, justamente por retomar uma discussão clássica da filosofia, a saber, a questão sobre o tempo. A pergunta pela sua natureza, a qual Santo Agostinho colocou de maneira enigmática², recebeu na filosofia bergsoniana uma análise profunda e ampla, num debate crítico com as principais ciências do século XX. Com efeito, Bergson propõe uma filosofia do tempo. Ao invés de afirmar que o tempo é um enigma, ele preferiu pensá-lo como algo simples, que está presente em nossas vidas, isto é, como o fundamento próprio de nossa vida psicológica singular, portanto, de nossa personalidade. Desse modo, sua metafísica foi concebida a partir de uma noção crucial, qual seja, a *duração*, termo que significa o tempo não mensurável, mas aquele vivido interiormente. Este, segundo essa filosofia, seria uma continuidade de mudança, algo que supõe novidade, sendo totalmente incompatível à ideia de permanência do mesmo. Segundo Bergson, a duração é uma continuidade indivisível, o que implica dizer que toda tentativa de mensuração compromete sua verdadeira natureza. Evidentemente, vale notar que a imagem da duração aparece sob diferentes perspectivas em suas obras, sendo um termo de difícil compreensão. Porém, sobre a duração devemos considerar e guardar principalmente a ideia de sucessão temporal como “continuidade de mudança”, definição pela qual Bergson propõe pensar a própria noção de *personalidade*.

A psicanálise, por outro lado, também pode ser pensada como algo que se fundamenta a partir de uma noção de tempo, tal como a filosofia bergsoniana. Podemos observar que a temporalidade aparece nas repetições das pulsões, no processo de transferência, na elaboração que o sujeito precisa fazer para sair de uma situação que lhe é agressiva, enfim, o tempo atravessa tanto a clínica quanto a teoria da psicanálise. Com efeito, falar na noção de tempo aqui significa pensar numa prática que trabalha com o tempo vivido e individual de cada sujeito. A psicanálise precisa lidar, efetivamente, com uma parte do passado que reaparece ao sujeito no seu presente, processo que é permeado pelos efeitos do tempo. Especificamente na teoria freudiana, verificamos que ele empregou a palavra *Nachträglich/Nachträglichkeit*³ para pensar o tempo, e, embora o termo seja de difícil tradução em nossa língua, possui uma significação entre os teóricos e teóricas da psicanálise que não foi unânime, ao ponto de Gerhard Dahl dizer que “A história desse conceito especial é também a história das dificuldades envolvidas ao se transferir conceitos metapsicológicos de uma cultura psicanalítica para outra” (DAHL, 2006, p. 97). Segundo Jô Gondar (2006) aponta em um artigo sobre o tempo em psicanálise, esse termo utilizado por Freud nunca foi muito bem fundamentado em sua teoria, o que fez com que diferentes escolas psicanalíticas utilizassem essa noção de diferentes maneiras, resultando, assim, em diferentes implicações clínicas. Podemos verificar essas diferenças marcadas, especialmente, entre a escola francesa, na qual nomes como o de Jacques Lacan se filiam, e a escola inglesa⁴. Enquanto os franceses verteram o termo para *après-coup*, que pode significar “só depois” ou “a posteriori”, os ingleses preferiram verter como *deferred action*, que significa ação retardada. Não iremos aprofundar as diferenças entre essas duas escolas no que se refere à compreensão do termo *Nachträglich*, proposto por Freud. Tomaremos apenas como ponto de partida, conforme Gondar ressalta, o entendimento de que a escola inglesa, na qual Winnicott pode ser entendido como pertencente, compartilha a ideia de tempo como *processo e continuidade*. Passemos então às observações sobre alguns aspectos da teoria psicanalítica winnicottiana.

2 Segundo Agostinho: “Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei” (AGOSTINHO, 1980, XI, 14, 17).

3 No “Vocabulário da Psicanálise”, de Laplanche e Pontalis, o substantivo *Nachträglichkeit* e o adjetivo e advérbio *nachträglich* são traduzidos respectivamente por posterioridade, posterior e posteriormente (2004, p. 33).

4 Esta escola teria o nome de Melanie Klein, por exemplo, como um dos principais.

Winnicott estabeleceu uma teoria do amadurecimento pessoal, base de sua clínica psicanalítica, portanto, central ao conjunto de suas obras. Assim como boa parte dos pós-freudianos, o inglês também revisitou as teorias de Freud, repensando-a radicalmente. Enquanto para alguns o mestre de Viena ficou restrito a um determinismo científico, o pediatra inglês buscou rejeitá-lo, visando explicar aquilo que há de propriamente humano em nós sob uma perspectiva do “desenvolvimento existencial”, por assim dizer. Sendo assim, Winnicott propôs que o indivíduo fosse pensado sob o ponto de vista de um desenvolvimento pessoal, o qual leva em conta um processo de amadurecimento que se dá mediante um ambiente facilitador. Ou seja, desde o período da primeira infância, para Winnicott, deve-se considerar um processo que significa um “tornar-se a si mesmo”, processo este que é tomado em seu aspecto existencial, e que é apresentado por “estágios sucessivos”. Parece ficar evidente ao psicanalista inglês a ideia de que não há uma redução do psíquico ao biológico, sendo o desenvolvimento pessoal algo ligado justamente a esse processo em que o humano toma posse e consciência de si mesmo. Trata-se, mais especificamente, de uma tendência de integralização do humano que não se realiza automaticamente, mas é dependente de fatores externos, por assim dizer, para que venha a se desenvolver.

Nessa medida, essas ideias demonstram uma outra perspectiva em relação às bases estabelecidas por Freud, ou seja, implica falar numa psicanálise centrada no desenvolvimento existencial do humano, desenvolvimento este que está sempre em *vias de se fazer*. A teoria winnicottiana, portanto, é construída a partir de uma visão do humano como um processo em desenvolvimento, o qual pode ser saudável ou não, pode parar ou avançar ao longo do tempo, uma vez que este processo está sempre em conformidade com o ambiente e a mãe que lhe proporciona ir adiante ou estabilizar no tempo. Isto é, o desenvolvimento emocional, processo interno e que não ocorre de maneira determinada, conta com a participação desses dois elementos externos.

Segundo Elsa Oliveira Dias, em seu livro *A teoria do amadurecimento de D. Winnicott*, “O que está, portanto, em pauta no amadurecimento pessoal, não são funções isoladas, sejam elas biológicas, mentais ou sexuais, mas o próprio viver humano, naquilo que este tem de estritamente pessoal: o sentimento de ser, de ser real, de existir num mundo real como um si-mesmo” (DIAS, 2003, p. 97). O aspecto existencial da teoria winnicottiana implica pensar num “sentimento de ser” e de “existir” no mundo, os quais são marcados pela história pessoal de cada sujeito. Este “amadurecimento”, noção tão cara a Winnicott, que é um processo de vir-a-ser no mundo, possui dois elementos fundamentais para operar: a tendência inata ao amadurecimento e a existência contínua de um ambiente facilitador. Segundo Winnicott, todo ser humano possui essa tendência inata ao amadurecimento, sendo ela estimulada a se desenvolver ou não. Os sujeitos não escapam ao processo de integração, embora alguns tenham mais facilidade em entrar nele do que outros. Neste sentido, o ambiente é pensado como um fator determinante para esse processo, uma vez que ele será capaz de propiciar um amadurecimento saudável ou não aos sujeitos. Além do ambiente, o desenvolvimento emocional deles depende, é claro, do papel que a mãe exerce em relação ao bebê, sendo ela igualmente responsável pelo processo de desenvolvimento emocional que ocorre desde o início da vida de alguém. Nas palavras de Winnicott, lemos o seguinte:

Todos os processos de uma criatura viva constituem um vir-a-ser, uma espécie de plano para a existência. A mãe que é capaz de se dedicar, por um período, a essa tarefa natural, é capaz de proteger o vir-a-ser de seu nenê. Qualquer irritação, ou falha de adaptação, causa uma reação no lactente, e essa reação quebra esse vir-a-ser. (WINNICOTT, 1983, p. 82)

As irritações ou falha de adaptação podem estar intimamente atreladas ao ambiente em que o lactente vive, o que significa dizer que ele absorve as influências exteriores, as quais podem vir a prejudicá-lo em seu desenvolvimento emocional. Esse vir-a-ser do indivíduo que pode ser interrompido a qualquer momento, é o que explica, por exemplo, algumas das patologias que a

clínica winnicottiana aborda. Enfim, o vir-a-ser é o que explica como o bebê se torna uma pessoa singular, ou nas palavras de Jô Gondar (2006, p. 107), é o que permite ao bebê adquirir um *si mesmo*.

Sendo assim, a ideia de que esse processo de desenvolvimento emocional se caracteriza por “estágios sucessivos” é o que explicita os três principais momentos do amadurecimento de uma personalidade, momentos estes que também levam em conta os estágios em que a adaptação do bebê com o seu ambiente não é tão bem-sucedida. Num texto de 1963, intitulado “*Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo*”, Winnicott explicita essa ideia de três estágios que contemplam o desenvolvimento pessoal, mais especificamente, três momentos temporais em que os sujeitos passam ao longo de sua vida: o primeiro é o estágio de dependência absoluta, situação em que o bebê ainda não se distingue completamente da mãe; o segundo é chamado de dependência relativa, e neste já há uma certa “percepção” por parte do lactente de que ele é um outro, mas que ainda é dependente da mãe em certos momentos; por fim, o terceiro estágio é denominado “rumo à independência” e configura um momento em que a criança já é capaz de lidar com as adversidades sozinha, embora esse estágio nunca seja realizado plenamente, ficando sempre uma lacuna a ser preenchida. Justamente por nunca ser completo, pode-se dizer que a noção de personalidade em Winnicott nunca é plenamente realizada.

Winnicott entende a personalidade como algo que está sempre em vias de se fazer, nunca sendo alcançada como algo completo e acabado, o que significa pensá-la, portanto, como uma obra inacabada, impossível de ser finalizada. Poderíamos dizer que a personalidade em Winnicott é um projeto que nunca é terminado, mas que está sempre em vias de se fazer, isto é, está sempre se reinventando, reatualizando experiências passadas com o intuito de avançar e de continuar o seu processo de desenvolvimento emocional. Com efeito, o papel do analista winnicottiano é justamente garantir que este processo continue dando condições para que o analisando possa continuar a existir no mundo. A escuta passa, então, pelo “sentimento de si” do outro, pelo modo como os sujeitos existem no mundo.

Sendo assim, esse processo de amadurecimento que vai da dependência absoluta até rumo à independência, é pensado por Winnicott como uma *continuidade*, a qual pode ir para frente ou não, estacionar por um tempo ou seguir sem freios. Em outros termos, podemos compreender a noção de personalidade, entendida como um desenvolvimento contínuo de mudanças — que está numa íntima relação com o ambiente que lhe cerca, já que é impossível pensá-la fora dele — só existe enquanto processo, sendo uma continuidade de existência que precisa justamente, no *setting* analítico, ter condições para continuar a existir. Conforme Gondar (2006) nos mostra, falar em ser, em estágios de desenvolvimento, em constituição de subjetividade, em suma, em personalidade, é falar no tempo no gerúndio, o que lembra bastante as propostas de Bergson. Ou seja, *ser* em Winnicott significa “seguir sendo”, “[...] é o processo através do qual, sem nenhuma pressa ou nenhum dever, algumas potencialidades vão se desdobrando, se atualizando, ganhando forma” (GONDAR, 2006, p. 108). Ora, trata-se de uma afirmação que não soaria estranha aos olhos de Bergson.

Neste sentido, podemos observar alguns aspectos da teoria winnicottiana que são bem próximos à filosofia de Bergson, sobretudo no que diz respeito a sua teoria da personalidade, a qual exige sua compreensão de *duração*. A filosofia da duração implica falar num tempo como continuidade e mudança, sendo esta aquilo que configura o fundo da própria constituição de nossa personalidade. Ao falar de continuidade de mudança, Bergson encontra a memória como elemento capaz de fundamentá-la. Sendo assim, podemos afirmar que a mudança é o que há de mais permanente para Bergson, de modo que ela é uma das principais condições para se falar em personalidade: personalidade é, antes de tudo, memória. Bergson identifica a personalidade à duração, noção que ganha um importante estatuto quando o filósofo discute sobre a natureza dos estados psicológicos em seu primeiro livro, o *Ensaio*. Notamos que, ao falar sobre a personalidade, Bergson a compreende como mudança, como algo que está sempre em vias de se fazer, situação em que cada um de seus

momentos é algo novo que se junta aos anteriores, criando assim algo *imprevisível*, enfim, uma *novidade*. Essas características são identificadas numa passagem importante de Bergson em que ele afirma que existe a

[...] impossibilidade de uma consciência passar duas vezes pelo mesmo estado. As circunstâncias podem ser as mesmas, mas já não será a mesma pessoa sobre a qual elas agem, porque a alcançam em um novo momento de sua história. A nossa personalidade, que se constrói a cada momento com a experiência acumulada, muda sem cessar. E, mudando, impede que um estado, embora idêntico a si próprio na superfície, se repita jamais em profundidade. (BERGSON, 2016, pp. 5-6)

Assim como em Winnicott, Bergson defende que a personalidade não é algo que chega a um estado final, mas está sempre mudando, num processo ininterrupto que é condição de sua própria existência. Esse processo é marcado por uma certa compreensão de tempo, na qual tanto o inglês quanto o francês parecem se aproximar. A mudança, para ambos, é parte constitutiva de nossas personalidades, do nosso ser. Para Bergson, o passado é elemento fundamental para pensar a natureza da personalidade, é o fundamento da mudança, pois aquilo que “[...] eu sou é em grande parte o que eu fui” (BERGSON, 1992, p. 286). Sendo assim, o que eu serei também depende de meu passado, o que significa dizer que este tem um peso no desenvolvimento de minha personalidade. Tanto para o psicanalista inglês quanto para o filósofo francês, o tempo é algo que nos atravessa, sendo impossível escapar de seus efeitos.

Referências Bibliográficas:

SANTO AGOSTINHO. *As confissões*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BERGSON, H. *L'évolution créatrice*. Paris : PUF, 2016. (Édition critique).

_____. *Cours, tome II : Leçons d'esthétique. Leçons de morale. Leçons de psychologie et métaphysique*. Paris: PUF, 1992.

DAHL, Gerhard. Os dois vetores temporais de Nachträglichkeit no desenvolvimento da organização do ego: a importância do conceito para a simbolização dos traumas e ansiedades sem nome. *Jornal de psicanálise*, São Paulo, v. 44, n. 80, junho, 2011, pp. 95-114. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000100009&lng=pt&nrm=iso.

DIAS, E. O. *A teoria do amadurecimento de D. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GONDAR, J. Winnicott, Bergson, Lacan: tempo e psicanálise. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. IX n. 1, jan./jun., 2006, pp. 103-117.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. 4º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WINNICOTT, D. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.